

## Pesquisar é inerente ao ser humano

O Brasil não tem tradição sólida de pesquisa, que tem sido deixada em plano secundário nas prioridades nacionais. Esta é, sem dúvida, uma maneira pouco esclarecida de tratar o assunto, uma vez que pesquisa é desenvolvimento. Um país com Ciência forte pode economizar muito dinheiro com o conhecimento amplo e o controle de doenças, com a descoberta e o aperfeiçoamento de tecnologias, com o estabelecimento de métodos pedagógicos eficazes, com propostas de soluções para as complexas relações sociais, etc. Tudo seria melhor se tivéssemos tradição de pesquisa. Entretanto, a pesquisa gera massa crítica e indivíduos intelectualmente preparados parecem ser, desde o ano de 1500, *personae non gratae* aos governos.

Nossas Universidades e Institutos de Pesquisa têm lutado bravamente contra o dismantelamento sistemático que os atinge. Seus quadros de pessoal são cada vez mais reduzidos, seus salários aviltantes, seus investimentos em infra-estrutura e manutenção praticamente inexistentes. Todos sabemos que há profundas e nefastas distorções no sistema, mas ao invés de corrigi-las tem-se procurado o nivelamento por baixo e a destruição de todo o sistema.

Os Cursos de Pós-Graduação, que formam os jovens pesquisadores, têm resistido às dificuldades e, com a orientação da CAPES, têm reformulado seus programas e procurado melhorar a qualidade dos recursos humanos formados. Porém, há poucos e malremunerados empregos para essas pessoas. Assim, boa parte dos egressos da Pós-Graduação não se dedicam à pesquisa.

Será, então, que nosso futuro é negro?

Sou otimista. Acho que a inteligência e a imensa capacidade de adaptação do ser humano não têm limites. Se colocarmos a salvação da Ciência no sistema de Pós-Graduação vigente e na falta de investimentos governamentais no setor, certamente o futuro é negro. Mas se colocarmos a Ciência – a busca do conhecimento e do saber – como algo inerente à condição humana, o futuro parece ser menos sombrio.

Nestes meses, como Editora do *Jornal de Pneumologia*, tenho observado que vários relatos de casos submetidos para publicação são de autoria de colegas não vinculados ao sistema oficial de pesquisa. Isto mostra a face atávica da pesquisa na alma humana. A inteligência, a curiosidade, o método, a lógica, em busca do saber e de sua transmissão.

Quero, assim, ressaltar que pesquisa não é feita só nas Universidades ou nos Institutos. Pesquisa é feita no nosso cotidiano, em qualquer lugar. Obviamente, as Universidades e Institutos têm a obrigação de realizá-la e ela deve ser de muito bom nível. Não se pode aceitar desperdício de dinheiro público. Mas profissionais competentes podem ter arqui-

vos organizados, protocolos de condutas para decidir qual é a melhor ou a mais factível, casos bem documentados, estar em atualização constante, etc. Isto é pesquisa e de boa qualidade. A experiência de cada um é preciosa e pode ser de grande auxílio para os colegas. Basta ter o método.

Entretanto, um ponto importante na pesquisa é sua apresentação. O tema “redação científica” é extenso e há até livros sobre ele. Brevemente, o *Jornal de Pneumologia* publicará, na seção de “Pós-Graduação”, um artigo sobre o assunto, mas vou iniciá-lo, sucintamente, a seguir.

Em primeiro lugar, existem regras na redação científica que devem ser cumpridas religiosamente. Estas normas são feitas em reuniões de especialistas e mundialmente respeitadas; um indivíduo, isoladamente, não pode inventar novas regras, sob pena de não ter seu trabalho publicado. Portanto, é fundamental que os que estão escrevendo teses ou trabalhos científicos procurem conhecer as regras de redação. Orientadores, bibliotecárias e/ou a seção “Instruções redatoriais” da revista escolhida devem ser consultados.

Sempre tem que haver uma “Introdução” que, como o nome diz, deve introduzir o assunto e descrever os objetivos de maneira clara e concisa. Da mesma maneira devem ser apresentados o “Material e Métodos” e os “Resultados”. Na “Discussão”, como o nome está sugerindo, os resultados devem ser discutidos e não repetidos. Todas essas seções devem ser escritas de modo a não deixarem dúvidas, mas sem repetição de informações: a qualidade de um trabalho não é medida por seu comprimento. A língua portuguesa é muito rica, porém a linguagem científica é seca. Assim, adjetivações exageradas precisam ser evitadas.

O “Resumo”, que é uma parte importante do trabalho, segue o mesmo padrão de redação: claro e conciso. Os descritores ou palavras-chaves devem ser cuidadosamente escolhidos. Neste volume, o Prof. Sérgio Menna Barreto faz valiosos comentários sobre esse assunto na seção “Carta ao Editor”.

Uma revisão bibliográfica meticulosa é a base de todo bom trabalho científico. Para a concepção do estudo e para a formulação das idéias ela tem que ser completa. Para a redação do trabalho, a bibliografia deve ser seletiva e contemplar os artigos mais relevantes. É óbvio que essa sugestão não é válida para um artigo de revisão que, como o nome diz, é revisão de um tema. Se ela é sobre um período determinado, por exemplo da década de 90, isso deve ser explicitado no texto.

Finalmente, a apresentação gráfica do trabalho é também importante. Fotografias com boa definição são o testemunho visível da pesquisa, gráficos e tabelas bem elaborados

são o resumo do trabalho, texto praticamente sem erros gramaticais ou de digitação é o reflexo do cuidado com que o trabalho foi realizado desde seu início, referências corretas mostram o conhecimento do autor sobre o tema, obediência às instruções redatoriais revela a consideração e o respeito pelo periódico escolhido.

Como nem sempre as instruções redatoriais das revistas científicas são totalmente compreensíveis, é de grande utilidade a leitura de vários artigos da revista na qual se pretende publicar um trabalho, mesmo os não ligados ao tema. A análise da forma, da linguagem, dos gráficos, das tabelas, das referências, etc., fornece uma espécie de "cola", que permite formatar e redigir o trabalho adequadamente. Depois da busca da perfeição gráfica, é bom que duas ou mais pessoas não relacionadas ao trabalho sejam solicitadas para lê-lo e dizerem se o entenderam integralmente.

As críticas e sugestões dos revisores não devem ser recebidas como ofensas pois, em geral, elas trazem à tona pontos

não percebidos e promovem melhoria substancial do trabalho. Se ele for recusado, não é o fim do mundo, a vida continua, aprende-se, da próxima vez se faz melhor.

Como uma parte fundamental da pesquisa é a transmissão do conhecimento, a maior preocupação de um pesquisador não deve ser a publicação de seu trabalho a qualquer preço, mas o desejo e a certeza de que o conhecimento gerado por ele seja corretamente transmitido aos seus pares e por eles incorporado.

Em resumo, pesquisar é inerente ao ser humano. Todos fazemos pesquisa, muitas vezes sem perceber. Precisamos, entretanto, lutar contra a inércia e colocar nossas pesquisas no papel, divulgá-las, transmitir nossa experiência. Outras vezes, temos de lutar contra a tendência de divulgar o que não é importante ou está incompleto. Estas são pequenas lutas diárias. A grande luta é resistir à destruição, é criar e manter uma tradição de pesquisa, é construir, mesmo que devagarinho, um Brasil melhor.

THAIS HELENA A. THOMAZ QUELUZ  
Editora do Jornal de Pneumologia